



O Ideário Patrimonial О идеарио

*As Várias Facetas Patrimoniais:
do Abstracto ao Concreto*

**MITOS E LENDAS RURAIS E URBANAS DE
MOÇAMBIQUE
(UM MANANCIAL INESGOTÁVEL)**

**RURAL AND URBAN MYTHS AND LEGENDS OF
MOZAMBIQUE
(AN INEXHAUSTIBLE FOUNTAIN)**

Recebido a 02 de maio de 2022
Revisto a 03 de maio de 2022
Aceite a 10 de maio de 2022

Marco Valente

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Pós-graduado em Arqueologia pela Universidade Fernando Pessoa
Mestre em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo pela Universidade do Algarve/Campo
Arqueológico de Mértola
Doutorando em Arqueologia pela Universidade de Évora (2021-2025)
Vice-presidente do Conselho de Directores e Embaixador por Moçambique e Portugal
da ICCIRA
(International Cultural and Creative Industries Regulatory Authority)
Membro colaborador do CAQ-IPT
Produtor do Projecto MMAGDP (A Música Moçambicana a Gostar Dela Própria)
Rua da Sociedade Filarmónica Cubense 1º de Dezembro, n.º 59, 7940-140 Cuba,
Portugal
marcopvalente@gmail.com

Ana Valente

Técnica de Arqueologia e Antropologia Cultural
Recolhas e Traduções para o Projecto MMAGDP (A Música Moçambicana a Gostar
Dela Própria), Lendas e Mitos Rurais e Urbanos de Moçambique



Resumo

Após um primeiro artigo dado à estampa em Dezembro de 2019, no qual apresentávamos um trabalho independente e *pro bono* de recolha, a ser efectuado desde Janeiro de 2018, fomos observando que as temáticas que se nos apresentavam em cada história, a cada passo dos momentos de recolhas multiplicavam-se, continuando a ser de uma riqueza inexcedível. Observávamos que estas histórias influenciavam os escritores e demais artistas Moçambicanos, uma vez que as mesmas eram inerentes à sua própria Identidade, seguindo as metamorfoses próprias de um contínuo registo oral ancestral.

Nesse primeiro artigo abordamos as seguintes temáticas: O Fantasma que apanha boleia, *Guira* (fenómenos luminosos), *N’Pogore* (fios esbranquiçados), *Chipoko / Chipokwo* (sombras e silhuetas humanóides), *Anapaches* e *Tokoloshes* (anões maléficos), *Djin / Jeny / Geny* (Génios, demónios criados por Deus) e Figuras Míticas (*Saidi Rahman, Gungunhana, Mahambaetu / Mahambaeti*, Gigantes Ancestrais).

No presente artigo abordamos agora algumas temáticas mais, tais como: Locais Sagrados (lagoas, árvores, túmulos), Figuras Míticas (Homens Pássaros, Os *Niaus*), Locais de Passagem, Feiticeiros e suas metamorfoses e finalmente Fenómenos Aparentemente Inexplicáveis (Luminosos, Batuques Fantasma).

Será muito natural que outras temáticas surjam no decorrer deste esforço conjunto e *pro bono* de todos os participantes comprometidos com estes desígnios, convém referir.

Palavras-chave: mitos, lendas, moçambique, locais sagrados, locais de passagem, figuras míticas, feiticeiros, fenómenos luminosos

Abstract

After a first article printed in December 2019, in which we presented an independent and pro-bono work of collection, being carried out since January 2018, we observed that the themes that unfolded themselves in each story, at each step of the moments of multiplied recollections, continued to be of an unbeatable wealth and influencing writers and other Mozambican artists,

since they were inherent to their own Identity, following the metamorphoses of a continuous ancestral oral record.

In the first article we covered the following themes: The Phantom who hitchhikes, Guira (luminous phenomena), N'Pogore (whitish threads), Chipoko / Chipokwo (humanoid shadows and silhouettes), Anapaches and Tokoloshes (evil dwarves), Djin / Jeny / Geny (Geniuses, demons created by God) and Mythical Figures (Saidi Rahman, Gungunhana, Mahambaetu / Mahambaeti, Ancestral Giants).

In this article we now cover some more themes, such as: Sacred Places (ponds, trees, and tombs), Mythical Figures (Men Birds, the Niaus), and Passage Places, Wizards and its metamorphoses and finally Presumably Inexplicable Phenomena (Strange Lights, Ghost Drums').

It will be very natural for other themes to emerge from this team and pro-bono effort of all participants committed to these designs, it is worth mentioning.

Keywords: myths, legends, mozambique, sacred places, passage sites, mythical figures, sorcerers, luminous phenomena

Existem lendas que unificam Povos espalhados pelo planeta e que parecem testemunhar as constantes migrações humanas ao longo de milénios, desde tempos mais recentes a tempos mais remotos. A Teoria da Continuidade Paleolítica¹ (Alinei, 2009) e as Lendas da Fundação de Portugal, Irlanda e Escócia (Morais, 2005), para contextos mais Europeus, até à Lenda das Sete Irmãs, que para alguns investigadores (como Ray Norris²) poderia constituir o registo Lendário mais Antigo do Mundo³. O trabalho de recolha de registos lendários é um trabalho constante e que nunca se dá por terminado. Através do mesmo, o investigador poderá pesquisar eventuais elos de ligação mais recentes e afastados no tempo, entre países e regiões limítrofes e quiçá com outras partes do mundo.

A epidemia Covid19 que se tem feito sentir a uma escala global, está a causar uma mortandade elevada entre os guardiões das Memórias das Aldeias e das Cidades. Moçambique também está a sofrer com toda esta situação. Apresentamos assim em seguida, alguns registos lendários, recolhidos entre Janeiro de 2018 e o mês de Maio de 2021 – trabalho efectuado até então em contínuo⁴.

¹ Um dos maiores defensores desta Teoria, o linguista italiano Mario Alinei (Professor Emérito da Universidade de Utreque, antigo Presidente do Atlas *Linguarum Europae* e fundador dos Quaderni di Semantica), reuniu provas em diversos campos – Linguística Geral, Psicolinguística, Linguística Cognitiva, Paleoantropologia, Ciências Cognitivas, Genética e Arqueologia, apenas para mencionar algumas

² Professor da Universidade de Western Sidney (Austrália).

³ Ao longo da nossa carreira, iniciada em 1995 no Vale do Côa, temo-nos deparado com o fenómeno da Arte Rupestre, de Norte a Sul de Portugal, Espanha e Moçambique. De facto, as Lendas das Sete Irmãs, parecem-nos ser um fenómeno recorrente e brevemente contamos publicar mais algumas novidades quanto a esta matéria.

⁴ Desde Junho de 2021 à distância física, o que implica um menor número nas recolhas de registos lendários.

1. Locais Sagrados

“O registo de numerosas deidades pré-Romanas em localidades rurais, por todo o império, prova imediatamente o lado conservador destas populações, reflectindo parcialmente ritmos e modos de vida imutáveis.”

(Vasco Gil Mantas, 2008)

Os locais privilegiados para a observação de fenómenos que escapam à compreensão pelo mais comum dos mortais, em Moçambique, assim como noutras partes.

1.1 As Lagoas / Lagos

A vida no planeta Terra terá começado a partir da água, onde organismos foram se gerando, complexificaram e somos hoje assim o resultado de muitos milhões de anos de evolução. Em Moçambique, dos casos que fomos registando e observando, os Lagos / Lagoas, assumem, ou assumiram num passado ainda recente (século XX), o papel de disseminadores de vida ou de julgamentos mortais. Passamos a apresentar dois casos que o exemplificam.

1.1.1 A Lagoa da Vida (*Palma, Cabo Delgado, Norte de Moçambique*)

Em Palma, numa determinada zona, existia uma lagoa, que os populares diziam ser milagrosa, pois em certas ocasiões possuía água doce e noutras água salgada. Por tal, as suas águas eram tidas como miraculosas. Sabemos que na época das chuvas as suas águas eram doces, devido a essas ocorrências atmosféricas que enchem essa pequena lagoa com água doce. Como esta localidade fica perto do mar, e a água doce evapora, esta pequena lagoa enche-se com água salgada marítima – fruto da estação seca. Daí a diferença de enchimentos da dita, entre águas doces e salgadas. Apesar das inquirições, não conseguimos obter nenhum registo de cura efectiva por acção supostamente miraculosa destas águas doces⁵.

⁵ Por questões de segurança, as nossas idas e presenças em Palma foram reduzidas ou praticamente nulas, a situação de insegurança que se vive ainda nesta zona do país a tal obrigou. Por este facto não conseguimos aprofundar mais algumas temáticas relacionadas com alguns dos fenómenos aqui descritos, com recurso exclusivamente a entrevistas na primeira pessoa.

1.1.1.1 *Nhambande (Machanga, Centro de Moçambique) – A Lagoa da morte e dos Julgamentos Comunitários*

Segundo o vovô Ernesto Mazivhisse, conhecido com a alcunha de Raiva, 75 [em Junho de 2018], nas suas palavras refugiado nas guerras de Ngungunhane, narrou o seguinte acontecimento relativamente a Nhambande [*Dona Virgem* em dialecto Macua]:

É uma lagoa situada na sede do distrito, no bairro de Chidhawanga, é uma lagoa artificial histórica e tradicional, onde no caso de incesto são mergulhados na presença da população os autores de tal acto, com o intuito de apagar os espíritos que com esta acção podem impedir a queda da chuva. Também antigamente, no caso de se gerar um bebé deficiente [por acção ou não de actividades incestuosas], este era mergulhado alegadamente para que não impedisse a queda da chuva. Para além de Nhambande existem outros casos de lagoas onde se efectuam cerimónias tradicionais para que nada impeça a queda da chuva, como o são Nhacissire e Nhagande. Na nossa tradição trabalhamos com Nhamussoro no caso de haver problemas familiares. Se formos a ver que a chuva não cai, vamos na lagoa e fazendo algumas cerimónias de pedido de chuva a chuva no mesmo dia cai.”

Uma das centenas de versões recolhidas acerca da Lagoa de Nhambande é a seguinte ⁶:

“Nhambande é um dos lugares sagrados e histórico do distrito de Machanga. Nhambande era um poço do Antigo curandeiro do distrito de Machanga. Depois, da morte do senhor Nhambande em 1932.

O poço ficou como uma lagoa através das calamidades naturais. E aí dentro desse poço ficaram alguns instrumentos do senhor Nhambane... E tornou-se uma lagoa que fica várias espécies como (peixe, crocodilo e lá vivia uma cereia).

⁶ Informante: aluna Augusta Ndaedja João, recolhida a 29 de Junho de 2018. Teria sucedido por volta de 1932.

Nhambande localiza-se na vila sede do distrito é uma lagoa histórico e tradicional, onde no caso de incestos são mergulhados na presença da população, com instituto [intuito], de apagar os espíritos com que a acção, podem impedir, a queda da chuva.

Também, antigamente em caso de se gerar um bebé deficiente este era mergulhado, alegadamente [alegadamente] para que não impedisse a queda da chuva.

E é mergulhados pessoas que fazem crime.

Nhambande tinha um crocodilo chamado Nhamussanga. Há muito, muito tempo mergulhavam-se crianças chigono [deficientes], então esse Nhamussanga levava aquelas crianças mergulhava, quando não era chigono levava lançada fora, quando era chigono ele comia!

Não iam jovens, porque antigamente os jovens não sabiam como chegar lá fazer, e depois era proibido por causa de Mulawe [Lei].

Os Homens eram proibidos por causa de respeito, lá chegar fazer. e lá iam velhos que tem respeito. Nhambande não era pescado, porque é proibido, quando uma pessoa tava pescar yava se encontrar com um peixe que tem duas cabeças e também cereia.

Quando nhambande tava secar, todo o distrito tinha fome. Quando os jovens iam a água tava mudar ficar branca, Nhamussanga e eles tavam vir chuva a cair sobre eles

só. E dizem que quando aquela água secar o poço vai ficar.”⁷

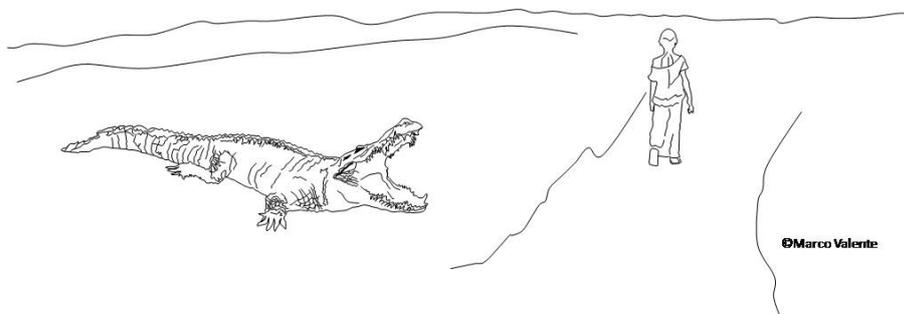


Figura 1 – Criança a ser sacrificada. Fonte: © Marco Valente

Existem múltiplas variantes da Lenda da Lagoa Nhambande, mas nestas duas versões aqui apresentadas, cobrimos assim a maioria dos aspectos abordados na lenda em si. Na sua aparente simplicidade aborda normas que regem toda uma comunidade:

O nome da lagoa nhambande surgiu devido o nome do curandeiro nhambande. O Nhambande tratava muitas doenças tais como: a repra [lepra]; verselo [varicela]; sarampo e outras.

Nesse contexto ele fez um poço onde ele deixava os instrumentos tais como penso com que tratava as feridas das pessoas.

Antes de morrer, este Nhambande disse a [à] população local que o meu corpo deve ser suportado [sepultado] ao pé daquela cova. Assim aconteceu em 1932.

Após a sua morte houve um efeito de erosão o poço começou a abrir-se ainda

⁷ Ainda acerca da Lagoa Nhambande, informante aluna Ângela Esmeralda, recolhida a 29 de Junho de 2018: “História do surgimento e da descoberta da Lagoa Nhambande
Nhambande era um curandeiro do povo nguni que saiu das montanhas do povo nguni e habitou em redor dos bairros de zariro mussanga, zariro macanga e chigogoro dois (2) no distrito de machanga.

mais e aí o poço extenso-se [estendeu-se] mais que deixou de ser um poço e ficou uma lagoa.

E a lagoa ficou a ser conhecida como Lagoa Nhambande em homenagem ao curandeiro Nhambande. E é assim que ficou a ser conhecida até hoje é chamado pelo mesmo nome.

E não é uma simples lagoa mais sim é também uma lagoa sagrada onde faz ou realiza-se as cerimónias tradicionais seguintes:

1. Uma criança recém-nascida, com problemas de locomoção era levada à lagoa acompanhada com pessoas do regulado. Levaram consigo prato de madeira, milho, mapira e rapé. Chegado ao local, a pessoa responsável pelas cerimónias, deitava na água os bocados de milho, mapira e rapé em geito de chamamento ao crocodilo Nhamaropa. Neste momento, a criança ficava na margem da lagoa. Quando chegasse, o crocodilo nhamaropa levava a criança para o fundo mergulhando duas vezes. Caso fosse verdadeiro coxo [coxo], os outros crocodilos devoravam a criança, e se fosse problemas passageiros, devolvia para a margem.
2. Quando um pai/mãe, praticassem incesto, eram levados para a lagoa para serem purificados, isto é, cada um lavava o sexo do outrem, mas todos nós. Como proibição, não se deve comer o peixe que lá existe, não consumir água, nem tomar banho. Dizer que as cerimónias eram praticadas quando houvesse precipitação de chuva irregulares. E diziam que estes males, impediam a queda de chuva no distrito. E este crocodilo nhamaropa tinha capim compacto no tronco e caniso, que era um crocodilo do falecido curandeiro nhambande que este antes de morrer deu todas as instruções ao crocodilo nhamaropa. Que lhe disse: que todos respitarão [respeitarão] o meu crocodilo porque fará a justiça na

lagoa. E disse também que esta será a nossa casa ou morada e o meu espírito sempre habitará nesta água. E foi assim que aconteceu a história da lagoa nhambande.”

1. A água, neste caso da chuva, como necessária à sobrevivência de toda a comunidade, assim representada igualmente pela água da lagoa, que surgiria de um poço mágico, com objectos mágicos de um dos maiores, se não o maior curandeiro da região, nos inícios do século XX;
2. Símbolo da Lei, do *Regulato*, dos Anciãos. Regulando a vivência das populações limítrofes;
3. A sobrevivência do mais forte, em etnias guerreiras, onde a presença de um coxo ou deficiente seriam considerados como sinal de fraqueza, daí o seu sacrifício ao crocodilo em honra da manutenção da sobrevivência das populações em si;
4. Presença de outras criaturas míticas, atestando do carácter divino da Lagoa em si, tais como as Sereias, que inevitavelmente surgem nestas localidades costeiras;
5. Proibição de pescar, beber água, tomar banho naquelas águas, por respeito ao seu carácter sagrado.

1.1. As Árvores – Locais de Morte, Locais de Comunicação com os Deuses e os Espíritos Ancestrais, Banhos Purificadores

1.2.1 As Árvores – Locais de Morte

Certos acontecimentos trágicos marcam a sacralidade de alguns locais. Uma árvore que proporcionava boa sombra aos viajantes, durante os anos das fomes de 1983 e 1984, devido às pessoas pararem para descansar na sua sombra aí falecendo por exaustão, dotou esse local de um carácter dito sagrado para as populações limítrofes.

Entre Machanga e Maropanhe, existia um local com um grande embondeiro, designado como Nhangambi. Aí faleceu de exaustão, fome e desidratação, o senhor Mariquete e toda a sua família em 1984⁸. É um local que durante os períodos cíclicos de fome reclama as suas vítimas, conforme outros testemunhos recolhidos a pessoas que conhecem e habitam nesta região (Centro de Moçambique, Província de Sofala).

1.2.2 As Árvores – Locais de Comunicação com os Deuses e os Espíritos Ancestrais

Todas as famílias, nas localidades do interior de Moçambique, possuem uma árvore dita Sagrada. Esta, representará ou os antepassados daquela família, ou os Deuses da Terra ou ainda o Deus do Céu, e pese embora algumas ligações recentes com as religiões bíblicas como o Cristianismo e o Islamismo, a sua origem, na grande maioria dos casos observados, está ligada a cultos ancestrais. Geralmente o Espírito da Árvore Sagrada é humanizado com a colocação de uma ou mais capulanas em redor do tronco da árvore em si. Na maioria das vezes, as Guardiãs do local são mulheres, que assumem assim o papel de comunicadoras com o além, o mundo dos mortos, dos antepassados, dos deuses ancestrais. Por vezes, possuem um espelho, onde afirmam poder ver e ler o passado, presente e futuro dos que com elas tomem diálogo e conhecimento (Centro e Norte de Moçambique, observado nas Províncias da Zambézia, Nampula e Cabo Delgado).

⁸ Informante: aluno Manuel Manhacha M. Fernando, história recolhida a 27 de Junho de 2018.

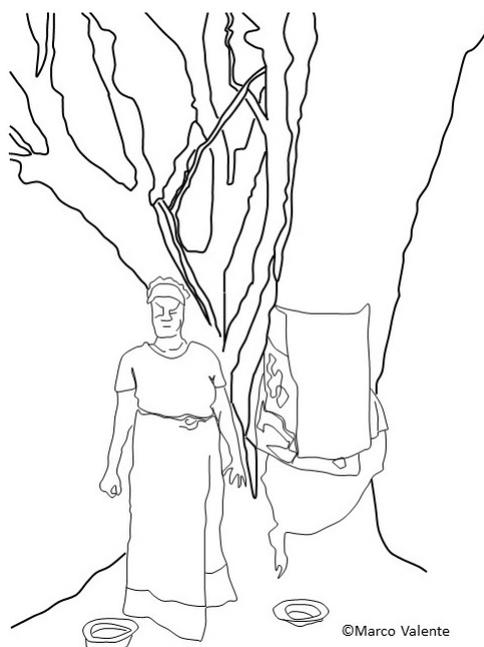


Figura 2 – Feiticeira – elo de ligação entre o mundo dos vivos e o dos espíritos. Fonte: © Marco Valente

1.2.3 As Árvores – Banhos Purificadores

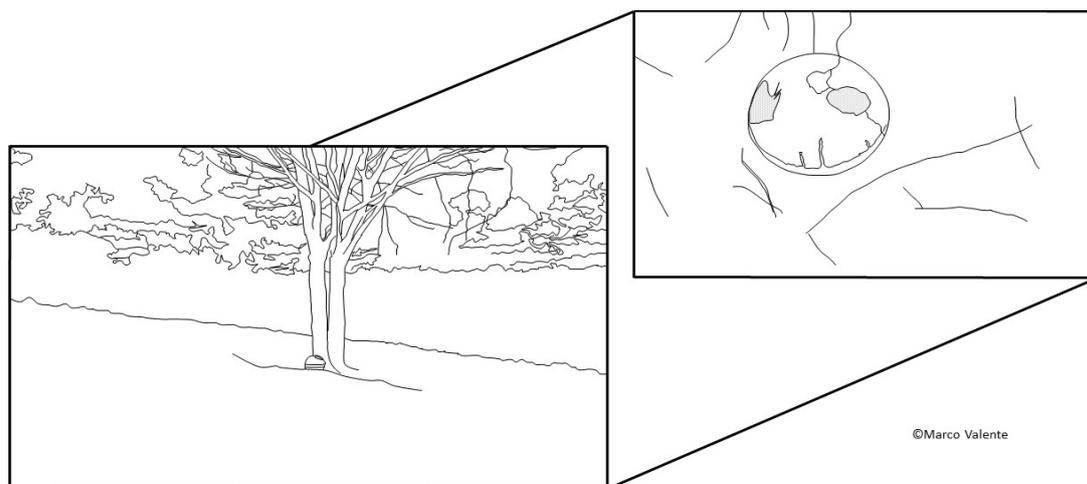


Figura 3 – Árvore com pote de água utilizado no ritual de banho purificador. Fonte: © Marco Valente

Quando uma mulher fica grávida e perde a sua criança durante o parto, nos meios rurais ou onde a superstição ainda impera, ela vai ao curandeiro para que este lhe dê um medicamento. Posteriormente ela toma um banho com aquele medicamento, ficando a panela de barro que ela utilizou nesse banho ritual, com os restos daquela água e

medicamento junto a uma árvore por ela escolhida aleatoriamente (Norte de Moçambique, Província de Cabo Delgado).

1.2 Túmulos Sagrados

A sepultura sagrada é o local onde se encontra enterrado alguém que detinha um certo poder enquanto vivo (Homens Santos), designados em Cabo Delgado como *Xarifos*⁹ – alguém de uma certa Nobreza ou Respeitável. Esta pessoa é enterrada perto de uma árvore, que geralmente não é nem coqueiro nem mangueira. A pessoa responsável por escolher o local de enterramento ou que identificou esse homem santo é que define qual a árvore onde o enterramento ocorrerá. Esta mesma sepultura é então coberta por uma construção de macuti em forma de tenda, designada pelo Norte de Moçambique e para algumas etnias como *N’Sati*.

“Sim... sim... sim... são pessoas santas. Então dão esse nome né? Depois de ter perdido a vida. Durante um tempo, né? As pessoas da família vão sonhando. Ela vem, a imagem dela, e começa a explicar o que ela é. As vezes, tipo quando algo quer acontecer né? Ela vem, você fica tipo, estás a falar com ela, a dizer-te algo, isto, isto, isto, isto... então você acorda no sonho. Dia seguinte você diz, sonhei com a tal falecida, a... a... a me explicar isto mais aquilo.

Então as coisas que ela vem explicando no sonho vêm acontecendo. Então as pessoas tiram conclusão de que ela é uma *Xarifa*. Porque sempre traz uma bênção e traz coisas boas.

⁹ No Irão, os *mulás* (*vigário*, *mestre* ou *guardião*) que são também *chorfas* usam um turbante preto, enquanto outros têm apenas direito a um turbante branco. Ostentam o título de *Sáide* (*Feliz* ou *Afortunado*), descendentes do Profeta Maomé. Geralmente as filhas dos saídas recebem os títulos *sáida* (*sayyida*), *alawiyah*, *siarifa* (*syarifah*) ou *xarifa* (*sharifah*) (Alves, 2014).

Então, o que acontece, a *Xarifa* foi filha da minha avó, né? Foi filha da minha avó... minha avó que nasce minha mãe. Então ela, quando morre, né? Então ela começa a trazer aquela toda a história na família. Então quando as pessoas descobriram que ela era uma *Xarifa*, e que qualquer coisa, né? Quando alguém ficasse doente, quando alguém ficasse mal né? Ia ali para pedir um desejo.

Então o que fizeram? Lá na campa dela, fizeram um alpendre, né? Colocaram a campa dentro de um alpendre, colocaram ali um pano branco... Aquele *macuti* [que parece uma tenda]...

Então colocaram aquilo aí... e as pessoas vão ali pedindo os desejos, né?... nem mesmo nós, nós também... Porque... Nós quando crescemos, quando atingimos a idade juvenil, né? Para a tradição não acabar, os mais velhos a intendência é de nos ensinar, né? O que eles vinham fazendo e o que significa aquele sítio para nós... Então, no momento em que nós crescemos, né? Eles não deixam a tradição. Levam-nos ali, contam-nos a história como é que foi... Aquela campa é sagrada para a família.

Então... As pessoas de fora, as pessoas de fora é que... é que... é que vão mais para lá, porque esses desejos são mais para as pessoas de fora. As pessoas sentem o que lá vão pedir! Se é casamento, se é, se é, se é... engravidar, se é a vida estar boa normalmente. As pessoas que não são da família vão sempre para lá, vão pedir o desejo. E prometem, eh pá... depois disso acontecer, vão deixar um pano branco, mesmo que não seja um valor, uma coisa material, tipo um objecto valioso, prometo um pano branco. Vê que ali sempre, pendura-se um pano branco. Então, nós quando vamos para lá para varrer, fazer limpeza, sempre encontramos coisas diferentes ali. Isso significa que as pessoas já conhecem aquele lugar e vão sempre para lá. Vão para lá, vão pedir os seus desejos e tudo dá certo, dá certo, né? Dá certo.

Nem nós também, quando alguém está grávida na família, para que ela, tenha um bom parto, nós vamos para lá pedir. Né? Como somos africanos, tanta coisa acontece... Vamos para lá...E acontece de verdade.

Nós agradecemos porque, eh pá! De todas as vezes que nós já fomos para lá, né? Tipo fazer o pedido sempre dá certo. Nós temos essa tradição na família, temos essa história que está na família.

Huum... eu também tenho um irmão falecido. Como eu era gémea, né? Era gémea com o meu irmão. Quando ele perde a vida e... eu comecei a sonhar lá em Tete, todo o lado onde eu ia. Era muito novo [quando perdeu a vida. Fizeram toda a cerimónia para que ele não me levasse com ele, como era meu gémeo.]. Fizeram toda a cerimónia. Só o que acontece, lá na campa dele, uma senhora também veio, destruiu a campa e começou a fazer *machamba*. Então, eu sempre sonhava com ele, sonhava com ele.... sonhava quando o carreguei, sonhava quando o cobri com uma manta. Então, eu quando eu fui contar para a família. Eles disseram: ‘Não, ele... ele... talvez pode ser um dos *Xarifos*. Que alguém quando morre não pode estar mais a pedir um sítio para dormir. Já morreu, prontos, que descanse em paz. Então... Tínhamos que fazer talhão... [Tio Marco não viu esse alpendre, né?] Então, eu quando cheguei no ano passado, eu contei para os meus pais:

‘Eu tenho sonhado com o meu irmão!’ então, decidiram, tipo, fizeram uma cerimónia, que transferissem de lá, onde ele havia sido enterrado para ali no quintal. Mas não era transferir nem os restos mortais, não, mas espiritualmente, sim. Então fizeram aquela cerimónia, daí fizeram um alpendre de *Macuti* e colocaram ali um pano branco. Humm... As pessoas também já vão lá fazer o desejo... isso”¹⁰.

¹⁰ Informante: Tia Maimuna Jamal Chande, 32 anos, nascida em Mecufi. História recolhida a 29 de Julho de 2020 em Pemba

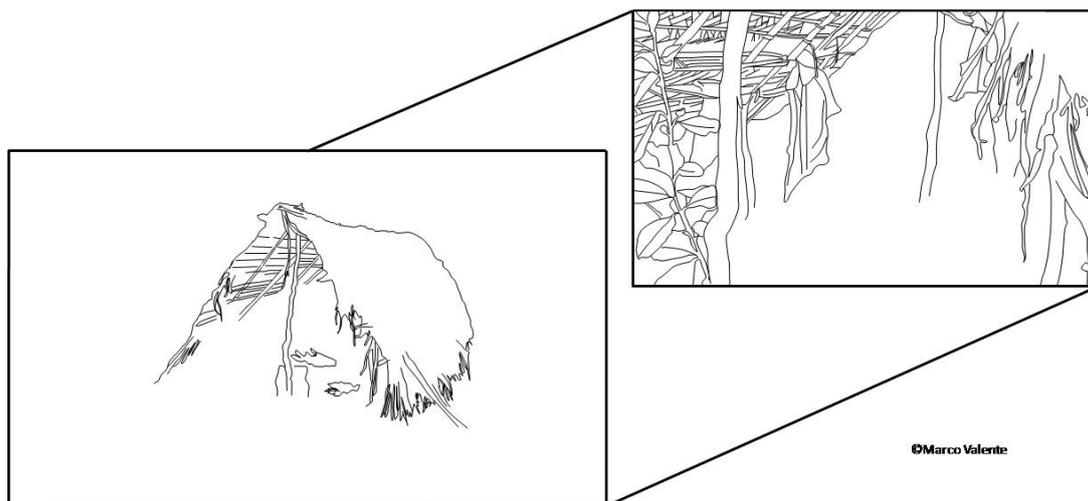


Figura 4 – Túmulo de *Xarifo* (Homem Santo) próximo a árvore também ela sagrada. Fonte: © Marco Valente

2. Figuras Míticas

2.1 Homens Pássaro



Figura 5 – Homem Pássaro. Fonte: © Marco Valente

Em antigos cultos celtas, o fenómeno da metempsicose encontra-se sempre ou quase sempre presente. Através deste fenómeno, uma alma transmigraria de um corpo para outro, mesmo que de espécies distintas, uma reencarnação.

Sabemos, pelas descrições de Júlio César, na sua obra ímpar acerca dos Celtas da Gália «*De Bello Gallica*», Livro VI, XIV, no qual o tema central da religião desses povos celtas era a metempsicose (a possibilidade da alma humana reencarnar em outros seres animais e vegetais).

Na ida da alma deste mundo para o outro, sabemos através de Tiberius Catius Asconius Silius Italicus – ao contrário dos romanos que não concebiam sequer a ideia de um corpo insepulto – que para os povos celtas as aves de rapina desempenhavam um papel primordial: «(...) para esses homens [celtas] a morte em batalha é gloriosa; consideram um crime enterrar-se o corpo de um destes guerreiros, porque acreditam que a sua alma sobe aos deuses do céu, se o seu corpo ficar exposto no campo de batalha para ser devorado pelas aves de rapina» (Punica, 3, 340-343). E ainda alguns séculos mais tarde Claudius Aelianus (Séc. II-III d.C.) afirmava: «àqueles que perdiam as suas vidas em combate eles consideravam-nos como nobres, heroicos e cheios de bravura, lançando os seus corpos aos abutres acreditando que esta ave era sagrada» (De Natur. Anim. X.22).

Em várias partes do Mundo, lendas e mitos acerca dos Homens Pássaro podem ser encontradas, como por exemplo este registo do aluno de Machanga, Mário Domingos Gimo, recolhido a 29 de Junho de 2018:

“Há muito tempo havia três (3) homens que vieram na casa de três meninas, numa zona em que quando chegaram numa casa queriam casar e foram aceites, mas os vizinhos sabiam que não eram bons homens.

E aquelas mulheres aceitaram casar-se e levaram as esposas e foram e quando ficaram os vizinhos começaram a explicar aos pais daquelas meninas que não eram aqueles bons homens, porque quando iam à pesca pegavam o peixe e começavam a tirar os olhos e ao pegar primeiro cantavam e mudavam, ficavam passarinhos e começavam a tirar os olhos, mas os pais delas não acreditaram.

E um dia, os irmãos foram visitar as manas e quando chegaram foram recebidos bem, comeram e os cunhados foram pescar e vieram com peixes que não tinham olhos e os irmãos das esposas desconfiaram e pediram aos cunhados que queriam ir pescar com eles e os cunhados aceitaram e quando foram começaram a pescar e não pegavam nada e começaram a cantar aquela música com voz alta e mudaram, ficaram com forma de pássaro e foram para baixo de água e começaram a apanhar peixe e a por na canoa, tiravam os olhos e mudaram novamente de forma. Foi aí que os irmãos acreditaram naqueles vizinhos e seguiram, foram ditos que não eram pessoas e ficaram sem as esposas.”

[Informante Luis Calamoni, 46 anos]

E ainda outro registro, do aluno João Jeremias Charles, recolhido a 26 de Junho de 2018:

“Era uma vez, um senhor que era pescador.

Este senhor casou-se com uma menina muito bonita e, como sempre, trazia-lhe os melhores peixes do mangal. Num certo dia, quando o pescador se preparava para ir à pesca, o irmão mais novo da menina, pediu que fossem juntos. O pescador não negou, embora isso fosse para si um sacrifício. Chegado o momento da partida, o pescador disse ao cunhado.

- Lá no mangal, há muitas coisas que muitas vezes acontecem e se acontecer alguma coisa não podes assustar-te e não deves contar à família.

- O cunhado concordou.

Ao chegar no mangal, o pescador fez as suas manias e não conseguiu nenhum peixe, e o pescador cantou então a sua música:

«Maya mbererua wê, ku funua ngozi-chiri, mbereuia wê».

O pescador continuava a cantar até que se transformou em grande passarinho, e mergulhou, voltando com muitos peixes.

O pequeno cunhado quase desmaiava de susto, mas não tardou a vencer o susto. Ao regressar a casa, a esposa serviu-lhe a água para o banho. depois ao anoitecer a família reuniu-se a volta da fogueira, o cunhado pediu permissão à irmã para cantar uma canção.

Cantando o cunhado, o marido pediu para que parasse de cantar, só que o menino cantou mais alto até que o pescador, transformando-se num grande pássaro e acabou por fugir.”

[Informante Jorge António Matiaze Luchato]

Pelo mundo temos ainda - e apenas para dar mais alguns exemplos – os Tengu (Japão):

“No passado, os tengus eram tidos como forças perigosas da natureza, como a maioria das criaturas sobrenaturais. Durante o Período Heian (794-1185), houve histórias de tengus causando diversos problemas a monges budistas, por vezes carregando-os até um lugar distante e largando-os lá, ou enganando e possuindo pessoas.

A partir do período Kamakura (1185-1333), surgiram algumas variantes da lenda dividindo os tengus entre kotengus, os tengus mais próximos de pássaros que atacam humanos e até os levam à loucura, e os daitengus, os tengus de aparência mais humana que são tidos como sábios, poderosos e, de certa forma, até mais perigosos.

Foi um tengu quem ensinou a arte da espada a Minamoto no Yoshitsune, que veio a se tornar um dos samurais mais famosos do Japão. A partir de então, os tengus passaram a ser associados a grandes habilidades guerreiras.

Com o passar do tempo, embora tenham mantido seu ar ameaçador e até bélico, eles começaram a adquirir uma natureza mais benéfica. Hoje, também são entendidos como guardiões das montanhas, seu habitat natural.”¹¹

Na Amazónia temos ainda a “Lenda do Uirapuru” ou na Polinésia nas ilhas Motuiti e Motunui também a "Lenda do Homem Pássaro".

2.2 Os Niaus

Em Tete existe um grupo étnico que vai-se mantendo activo, coeso e arreigado aos seus costumes e tradições. São os Niaus / Nhaus. Pelos seus actos e modo de vida, podemos afirmar, que no imaginário do comum dos Moçambicanos, os Niaus / Nhaus já atingiram assim o estatuto de Figuras Míticas. Por este motivo surgem aqui neste ponto retratados.



Figura 6 – Dança de Niau. Fonte: © Marco Valente

¹¹ <https://tocadofenrir.wordpress.com/2017/04/27/tengu-do-folclore-japones/> [consultado online a 11-05-2019].

“É Tete mesmo... é Teté... sim, é Teté... a fronteira de *Zogbwe* faz fronteira com a vizinha Malawi, é muito perto de Malawi.

Eles andam nus né, eles levam um pano... em todas as ruas, quando fazem a sua manifestação... porque quase toda a província de Tete, em todos os distritos, tem essa tribo.

Então o que eles fazem, fabricam uma máscara de madeira... eles usam qualquer tipo de animal, um exemplo de um animal, então consoante a madeira eles conseguem fabricar uma máscara, se é leão, ou crocodilo, então usam a máscara por causa de quê? Porque eles andam normalmente nus, eles não usam roupa, quando estão já numa acção deles né, eles não usam nem roupa. Às vezes passam uma fita né, só para tapar o sexo, para as pessoas não poderem ver. Porque eles passam na estrada, passam nas ruas, nos bairros, então, para que as pessoas não consigam notar que esse é tal fulano por isso eles usam muito a máscara.

Então quando eles estão naquela acção deles, o que eles fazem? Levam aí a catana, levam um ferro, ou um pau, mas que sejam objectos que podem ferir alguém, sim... objectos cortantes. Então durante a caminhada, eles às vezes... tem... tem... tem um som que eles às vezes cantam, eles gritam, eles cantam...

E eles se dividem... se estão para atacar este bairro eles se dividem em todos os cantos, quase eles ocupam todo o bairro... eles não vão com uma intenção de bater as pessoas... mas, porque eles por exemplo, quando eles fazem a cerimónia deles, eles querem... ninguém vai para o mercado né? Comprar algo enquanto eles estão a realizar as suas cerimónias. Cerimónia... talvez quando morre um deles né, do grupo, têm aquela coisa do tipo ir apoiar... então se eu estou em casa... se morre um deles, então todo o bairro tem que ir participar no funeral. [Todo o bairro mesmo que não sejam um deles] então o que eles fazem... sim, sim... é uma obrigação, então se você não vai para

lá é por essa razão que eles andam todo o bairro a ver quem saiu para o funeral e quem não saiu... e quem não saiu é catanado... então é obrigatório... se você acha que não tem interesse de ir naquela cerimónia fica dentro... você é obrigado a carregar teu fogão, tua água, a carregar penico pôr dentro, porque lá fora ele vai te apanhar ali, vai te perguntar porque é que não foi na cerimónia... e a pergunta não é uma boa pergunta, não é normal, porque ele usa aquele objecto e te *chamboqueia*, te bate, qualquer coisa assim.

Por exemplo tempo chuvoso, tempo chuvoso lá no campo, todo o mundo tem que ir a *machamba*, para poder capinar, para poder cultivar. Então o que eles fazem... esse tempo seco né... todo o mundo está a limpar o seu campo para poder semear... quando chega tempo chuvoso eles passam todas *machambas*, todas as matas, para ver quem está a capinar e quem está a semear a sua semente. Aquela pessoa que está a semear não é feito nada... mas então quando encontrar a pessoa que está a capinar aí está o problema... eles pegam, amarram-lhe e amarram-lhe numa árvore e começam-lhe a *triturar* [a bater na pessoa]. Isso sempre acontece nos cemitérios. A pergunta é: Este tempo não é para capinar, este tempo é para semear e você está a fazer o quê este tempo aqui? Em vez de semear você está a capinar, porque? Porque tem uma tradições que eles dizem que a pessoa que atrasou capinar, tirar o capim da *machamba*, essa pessoa pode ter uma magia que pode impedir a chuva cair... né, sim. Então eles usam uma magia, a pessoa que atrasou de capinar, eles usam uma magia para que a chuva não caia. Então aquela mesma pessoa que é encontrada a capinar no tempo chuvoso, ele é obrigado a sair dali até ao cemitério deles – porque eles só têm um único cemitério deles, que eles se depositam lá, né... os restos mortais, eles não vão a qualquer cemitério – então naquele cemitério deles, toda a máscara que eles usam, é roupa, é material, tudo guardam lá. Então quando você é pegue é levado para lá, lá no cemitério deles. Eles

mandam-te dormir, vão te chamboquear com catana, eles batem, batem, deixam-te, para você não continuar.

Então quando, por exemplo chega uma visita, Presidencial, ou são cerimónias tipo dia 25 de tal X, acontecimentos né, do país. Obrigatoriamente eles passam casa em casa para ver quem foi na Praça dos Heróis e quem não foi. A pessoa que não foi tem que levar porrada, ou tem que ser morto, né. Então é por essa razão, eles quando vão nos Bairros, eles se lançam, eles se espalham todo o Bairro. Eles vão andando, vão andando, cruzam com alguém primeiro é bater no objecto que eles levam para dar sinal que eu estou no seu atrás.

Polícia com eles, eles e polícia, polícia não é nada. Eu assisti um caso concreto, um polícia que era muito próximo, que era um amigo de casa. Ele não conhecia a tradição, ele ouviu dizer e desprezou. O que é que ele fez? Eles estavam a actuar, estavam a passar no mesmo caminho ao pé do quartel, estavam ali todos os polícias, com armas e tudo. Eles passaram como se não estivessem a passar perto do quartel. Então aquele polícia disse não, eu não vou fugir... porque eles ameaçam, bem na sua frente com catana, você tem que fugir. E aquele polícia disse: ‘Não, eu sou polícia! Eu estou aqui para defendê-los! Porque eu vou fugir?’ E ele continuou ali. Aqueles disseram: ‘Ok, nós também somos da Tribo Nhaus, vamos te mostrar quem nós somos!’ Carregaram naquele polícia, junto com a arma dele, com algemas, *chamboco* e tudo, carregaram até no cemitério, mandaram dar fardamento.

‘Tira tudo o que você vestiu, que diz que você é polícia! Queremos ver se você não é pessoa normal fora desse fardamento, fora da sua arma!’

Lhe despiram, bateram-lhe, lhe *chamboquearam* com o próprio *chamboco* que a polícia trazia, daí lhe mandaram recuar: ‘Vai para casa, corre! Vai até no Quartel e não nos repara atrás!’

Eles não têm nada a ver com polícia, nem pouco... nem pouco.

Ouvi dizer que o Presidente Samora antes de falecer ele reuniu né? Todos aqueles Régulos para ver se aquela tradição acabasse, mas não conseguiu. Quando entra o Gebuza foi o mesmo, eles disseram: ‘Nem Samora, que era temido aqui no país, não conseguiu acabar com nossa Tradição, imagine você Gebuza que é de hoje! Essa é nossa Tradição! Essa Tradição nunca vai acabar!’

Huum... então eles fazem isso. Quando eles vir na sua atrás, dão aquele sinal, tocam um objecto, você logo tem que baixar a cabeça, para que não depare com eles. Então eles dali te deixam, passam e vão embora, não vão te fazer nada. É mais ou menos isso.”¹²

3. Locais de Passagem

Existem locais, que no imaginário popular, pelas condições atmosféricas e geográficas adversas que apresentam, se ligam assim indelevelmente, a fenómenos e criaturas mitológicas. Um desses locais encontra-se localizado no Norte de Moçambique, entre a localidade piscatória de Mecufi e a Ilha do Ibo. *Nunumwana*¹³ ou *Nunumwane*, é a sua designação.

¹² Recolha efectuada a 29-07-2020, o informante optou por se manter anónimo.

¹³ Nome da Rainha, Sereia, que faz com que os barcos parem naquele determinado local e que se movam apenas se lhe pagar a travessia. Produtos que podem ser um saco de arroz, ou ainda o sacrificio de uma criança pura, sem pecado, não pode ser uma criança qualquer.

1.1 A Senhora das Águas a Rainha Sereia *Nunumwana*



Figura 7 – Sacrifício de criança a Nunumwana. Fonte: © Marco Valente

“Então, um certo dia, estavam a ir para Ibo. Para a ilha do Ibo. Então, num sítio no meio do mar designado como “*Nunumwana*” (...) era um barco a motor e o motor parou. Então tinha ali umas senhoras com os filhos, tudo mais.

O barco parou... parou o motor... ficou no meio do nada e parou. Entre Mecufi e a Ilha do Ibo. Estavam a seguir para a Ilha do Ibo. Esse é um lugar no fundo do mar. Todos os bichos do mar grandes ficam aí. Então parou. As pessoas do barco começaram a perguntar, os passageiros já:

‘Qual é o problema? Alguma coisa?’

Os pescadores como sabiam falaram que:

‘Sim, aqui temos que deixar algo, para passar. Sim, se é um saco de arroz, cinco litros de óleo. Ou não, não temos essas coisas! Temos que deixar mesmo uma criança, para nós passarmos aqui!’

E ali naquele barco não tinha comida, só tinha mulheres com crianças. E tinham que sacrificar uma criança para o barco passar. Sim... E sacrificaram. Sim. Uma senhora que tinha cinco filhos sacrificou um... um filho. Eh pá, não que ela quis sacrificar, não é? Mas foi arrancada à força. Porque se não sacrificassem uma pessoa, aquela criança, todos iriam morrer.

Jogam assim mesmo. Sim... É recebido e o barco é deixado.

Aconteceu... há mais de trinta anos.

Hoje acontece, mas crianças não são já sacrificadas, porque as pessoas sabem que têm de levar alguma coisa.”¹⁴.

3.1 Os Cemitérios – locais de passagem ou residência do mundo dos mortos

Os cemitérios, devido à sua natureza, estão envolvidos à partida, quando acerca dos mesmos entabulamos conversações, numa aura de mistério e onde a presença do sobrenatural é diariamente observada. Aí, podemos escutar sons de outro mundo:

3.1.1 *Batuques Fantasma*

“A senhora gostava de dançar, depois um dia ouviu, (o quê?) aquele batuque.

Depois foi... seguiu aquele, aquele som do batuque... ela foi, foi dançando, dançou, foi, seguiu, seguiu, até chegou aonde estava.

Era de noite... é, à beira das 21.

Depois ela foi e encontrou outras pessoas, começou também a dançar, dançou, dançou, dançou, dançou.

Aí amanheceu. Quando amanheceu ela se apercebeu que estava no cemitério.

¹⁴ Informante: Ana António João Valente, 22 anos, natural e a residir em Pemba. História contada por um amigo do tioque era pescador e vivia no Distrito de Mecufi, junto ao mar.

Numa outra versão, escutada à informante: Avó Patu Amade Assane, 48 anos, natural de Mecufi, a residir em Pemba: “ [Quando as pessoas iam de barco para a ilha do Ibo] *Nunumwane* antigamente ali não se passava... de barco, pior esses barcos à velas. Sim... Aquele sítio sempre tinha problemas, criava ondas gigantes, sim... você não podia atravessar assim, chegar na Ilha de Ibo, sem que deixasse algo, naquele sítio, para conseguir a viagem. Se vocês não deixavam qualquer coisa, vocês não chegavam, morriam todos. Então... Ou tinham que tirar um algo ou tinham que sacrificar mesmo uma criança.

Aconteceu aqui no Norte [de Moçambique]”.¹⁵ Uma variante às múltiplas histórias do “Fantasma que pede boleia”, assume um protagonista masculino, mas alguns elementos mantêm-se, como o amuleto que identifica o rapaz (casaco ou capa de outras versões). Mas o ponto final, onde toda a história se confirma e revela, continua a ser o cemitério, onde repousará o dito fantasma, que se revela a espaços ao mundo dos vivos.

“Falando nisso, eu lembro-me de umas histórias sempre contadas... e muitas das vezes isto era mais contado à volta da fogueira, durante as noites, isto contavam os avôs e avós.

Diziam-nos o seguinte. Durante, já faz um longo, longo tempo que... uma história inesperada aconteceu. Em diversões, bem antigas, sai uma jovem a caminho da discoteca. Chegados lá, passou a divertir-se, depois de um longo, mas longo tempo aparece um moço. O tal moço pois da família era reconhecido como o falecido. Após a aproximação entre eles, puderam sair juntos... [à noite, isso foi à noite]. De seguida saem os dois, como são novos conhecidos, pra poder apresentar a rua a cada um pertence. Após a miúda perguntar ao rapaz: ‘De que rua és?’

Ele invés de dizer qual era a rua, preferiu levá-la até ao portão da sua casa, após lá chegar, apontou que: ‘Eu moro nesta casa e respondo pelo nome de Paulo.’

E mencionando este nome, a miúda não sentiu-se confiante. Pediu que ele deixasse algo, para ela. O rapaz tirou um relógio que portava ao pulso... e um amuleto também que tinha ao mesmo pulso dando à miúda. A miúda tirou por sua vez um colar que pertencia a ela para ele. Como garantia para mais tarde poderem se reencontrar. Sendo assim, a noite cai, fica muito mais tarde, a miúda vai e ele faz de conta que entra

¹⁵ Informante: Ana António João Valente, 22 anos, natural e a residir em Pemba. História recolhida a 12 de Março de 2020 em Pemba.

ao quintal. O novo dia nasce. A miúda vai atrás do rapaz em que conheceu, para poderem fazer de novo o reencontro. Após a miúda chegar ao mesmo portão que lhe fora indicada... bate, depois de bater duas vezes já aparece uma senhora, que se põe de nome da mãe do tal falecido (que para ela ainda não era falecido, pois).

Pergunta a miúda: ‘Encontrei o Paulo?’ Dizendo para a mãe do miúdo, do falecido. A mãe, só por ouvir o nome do seu querido falecido filho, põe-se aos berros e a chorar.

‘Quem és tu para se apresentar desta forma, ainda mais mencionar o nome do meu querido falecido filho?’

A miúda nega: ‘Não, não é verdade! Qual falecido que se refere?’

Ela de novo diz: ‘O Paulo, o meu querido falecido filho!’

Ela nega, a miúda nega por sua vez, diz de novo: ‘Não, isto não é verdade, porque ontem eu estive com ele!’

‘Onde?’

A miúda indica: ‘Onde a gente tava a divertir-se!’

Sendo assim, a mãe toda chocada pega a mão da miúda, empurra-o para o quintal. Chegados lá chama, irmãozinhos e irmãs, juntos numa mesa. Levam um álbum antigo de família. Após a mãe do falecido abrir o álbum, a miúda sem interagir com ninguém ou alguém, ela por livre vontade apontou a imagem do falecido, dizendo o seguinte: ‘É este o rapaz que eu estava com ele ontem à noite! É este que até deixou-me alguns pertences, como este relógio e este amuleto!’

A mãe repara no amuleto diz: ‘Este amuleto tenho cá dentro... tenho cá dentro o mesmo amuleto! Como é que tu o conseguiste?’

A mãe vai à gaveta onde sempre o amuleto esteve e o amuleto já havia desaparecido. Sendo assim, mais dúvidas levantaram: ‘Explica-nos melhor! O que houve?’

Ela diz que: ‘Eu conheci o rapaz na noite de ontem, ele levou-me até este vosso portão, dizendo que eu moro cá, respondo pelo nome de Paulo!’

A família toda chocada diz: ‘Por momento vamos sair, em direcção ao cemitério, onde se encontra os restos mortais dele!’

Junto com a família caminharam até ao cemitério. Após chegar lá só conseguiram encontrar os pertences que ela havia levado, os pertences que portava a miúda, neste caso... o colar, que ela tem entregado a ele como uma garantia de voltar reencontrarem-se. Após chegarem lá e verem aquilo, a mãe fica chocada... cai. A família toda, longe de ser próprios (SIC), e com medo, e com tanta tristeza ao mesmo tempo, tiveram que levar a mãe toda doente para casa. Não durou muito tempo... a mãe perdeu a vida. E esta história foi conhecida mais como o rapaz da camisa vermelha, pois na mesma noite eles tiraram duas fotos, uma ele sozinho, uma com a própria miúda que ele chegou de levar até ao portão da casa dele”.¹⁶

Os cemitérios possuem histórias de fantasmas que podem ser observados quer no seu interior, como em locais próximos ao mesmo, pois as suas proximidades são procuradas para a realização de rituais de magia negra. As histórias que apresentamos seguidamente são deste facto testemunho.

“A história que eu vou contar. Eu viajei para dentro de Cabo Delgado, né? Num Distrito, Montepuez o nome do Distrito. Eu fui visitar a minha irmã. Então, durante a visita, naquele período, havia uma polémica que dizia... que diziam que... tinha uma mulher, que essa mulher, ela dormia no cemitério! E que nas noites incomodava as pessoas que passassem naquele caminho, assustava. Mas ela sempre trazia um vestido

¹⁶ Informante: Chande Jamal, 22 anos, nascido e a viver em Pemba. História recolhida a 14 de Agosto de 2020. Teria sucedido na Rua de Mirigem, em Montepuez.

vermelho, como se fosse uma pessoa viva, mas parece que era um fantasma né, como diziam as pessoas.

Eu fui passar as minhas férias, eh pá, hospedei naquele bairro sem saber o que estava a acontecer e as pessoas que viviam lá actualmente não haviam me contado nada.

Então passei ali à noite, conversamos... depois do jantar, lá por fora, ouvi umas senhoras que vinham com uns cânticos tradicionais, tratavam-se de ritos de iniciação, naquele tempo. Então, eu naquilo de acompanhar os sons né, das mulheres, as canções que estavam a cantar, fiquei atenta. Só que como tratava-se de um caminho em que a maior parte não passavam daquele caminho por causa da tal, da tal fantasma, de repente quando aquelas senhoras se aproximam naquele local elas se assustam e eu era vizinha daquele sítio, daquele local, onde acontecia o cenário. Então, eu estava dentro de casa, estava atenta para ouvir as canções, mas de repente aquelas senhoras chegaram naquele local.

Assustaram-se começaram a gritar: ‘Olha para essa aí!’ Chamavam de *Chimuleta*, a mulher fantasma está aí. Não sei [significado de Chimuleta] é uma palavra que vem da Tanzania, então talvez os Tanzanianos saibem traduzir.

Então... Eu assustei: ‘Chimuleta?’ Aquelas senhoras começam a correr. ‘Eh, Chimuleta está aí parada! É ao pé do Cemitério!’

Então eu: ‘Que está a acontecer?’ Fiquei com dúvida. A minha irmã estava lá a me reparar, não contou o que estava a acontecer. Eu, está bom, fui dormir... me despedi, fui dormir. Então durante a madrugada é quando eu ouço um choro de bebé no tecto né? Então, o bebé tipo caminhava... e o som parecia... caminhava em cima do tecto, na casa onde eu havia hospedado... [o tecto] feito de bambus, vedaram bambus... por cima era chapa de zinco, então por baixo bambus, para ficar fresco. Então... A criança no momento, enquanto andasse... trazia um som como se usasse um sapato de

salto... soca entendes? Então, ele marcava passos e chorava, um som de bebé... eu naquela madrugada assustei, acordei: ‘O que é que está a acontecer? Eu estou a ouvir choro de bebé e parece que alguém está a caminhar lá em cima?’ Eram mais ou menos 02:00 da madrugada. Eu, oh não oh... isso aqui só... deve ser uma magia, não sei o que é... fiquei muito assustada eu nem para apanhar sono não apanhei mais. Então, de repente com aquele medo, eu, a minha porta do quarto eu havia trancado, mas... quando aquilo aconteceu, naquela hora, o choro de bebé, de repente a minha porta abre-se do meu quarto... sozinha ela. A porta abriu-se. Eu fiquei na cama, eu fiquei na cama, me cobri, fechei os olhos para não ver nada. Porque, eu me espantei... o que é que terá... o que é que pode abrir a porta, uma vez que a porta estava trancada? Será que é o bebé? E quem é esse bebé que está lá, de quem é? Porque é que está aí? Ouvia-se sim... Não, não, não... ouvia-se. Como se alguém colocasse socas e o bebé aí chorava, naquela hora. Então quando a porta se abre de repente... Eu... Uau... o bebé chorando lá no tecto e a porta está a se abrir sem ter abrido com as chaves... Ei... eu me espantei... daí eu comecei a gritar a ver do meu cunhado se podia vir me socorrer... então eu gritei, pedi socorro e o meu cunhado veio, junto com a minha irmã, acordaram. ‘O que se passa?’ Só que eles, como já tinham noção, o que acontecia sempre na casa. Então eles disseram: ‘Há... ouviste o choro do bebé? A tal fantasma?’ Eu disse: ‘Sim!’.

Só que aqui o que me espanta é a porta, porque a minha porta estava trancada, mas de repente quando o bebé começa a chorar a porta também se abre. Eu tranquei.

Eu disse: ‘João, afinal o que é que está a acontecer?’

É quando eles disseram: ‘Eh pá, esta casa aqui o dono que construiu a casa usava muito a Magia Negra. Só que ele abandonou a casa e pôs pessoas a arrendarem. Toda a pessoa que vem viver nesta casa, sempre passa nessas consequências. Só que, você como hóspede, nós não poderíamos logo dizer: Eh pá, a situação da casa é esta se não,

não irias nem dormir. Mas assim que descobriste sozinha eh pá paciência... assim nós estamos a querer procurar outra casa para podermos se mudar.

Foi mais ou menos... mas foi muito assustador... agora, não sei dizer se era mesmo bebé, ou era... era uma magia daquele senhor que usava sempre.... Eh pá... Quem sabe só é dono da casa que poderia contar bem a história. Mas foi mais ou menos assim, que eu passei assim, naquele tempo.

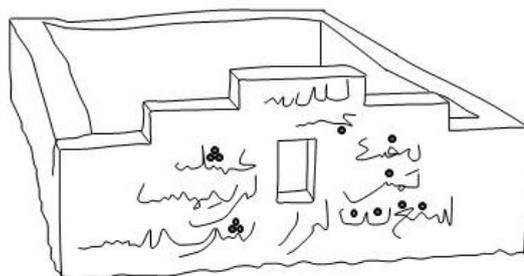
Eu não dormi mais. Também o meu cunhado e a minha irmã tinham que procurar uma outra casa... porque eu já não estava a conseguir, sempre que chegasse 17:00 hora eu tinha que imaginar logo às duas o bebé virá me incomodar e a porta irá se abrir... (risos nervosos)...

Foi muito assustador... eu às vezes quando me lembro disso eu digo: “Iah... eu não sei se é verdade... será que a magia existe mesmo? Ou a fantasma existe?”
[este fantasma do bebé não tinha nada a ver com o fantasma do cemitério] Não, não tinha... não tinha.

O cemitério não era um cemitério vedado, sim... era um cemitério exposto, assim, tipo só campas e no meio passava um caminho. Então, pelo que eu ouvi... era num bairro... então, pelo que eu ouvi diziam que era uma moça que... que... que morreu lá no bairro e ela foi assassinada... então morreu e foi lá enterrada naquele cemitério... só parece não sei se... a...a... a... a alma dela ou mesmo ela, a alma, sim posso dizer a alma, ficava ali no cemitério [presa].

Então todas as noites quando a pessoa passasse ali... quando passasse alguém que ela conhecesse chamava pelo nome... e as pessoas acabavam descobrindo, só pode ser aquela moça que morreu por assassinato. Agora não sei dizer se ela vivia ali, mas foi enterrada naquele mesmo bairro.

Aparecia com o mesmo vestido vermelho... então sempre punha medo... o bairro em si... quando chegasse 18:00 hora aí ninguém passeava... ninguém passeava... tipo a escuridão, por causa da escuridão, as pessoas tinham medo. Sim... Porque aquelas mulheres que vinham do rito de iniciação, haviam... haviam... era.. era... era... era uma coisa de... eram 21:00 horas que elas estavam a passar naquele caminho. Então... Achavam que talvez como eram muitas né? [Que ela não iria aparecer], mas mesmo assim atendendo, considerando, aquele local era lugar dela, que ela sempre tinha que ficar ali parada né, uma vez que era casa dela suponhamos assim... as campas estavam ali, a campa dela estava ali então praticamente ela saía todos os dias... né... dependendo das horas, então aquele bairro, logo 18:00 hora, basta começar a escurecer, ninguém passeava naquela zona, então foi mais ou menos isso que eu passei naquele tempo já... o ano já não me lembro”.¹⁷



©Marco Valente

Figura 8 – Túmulo de Esposa de Régulo, Cabo Delgado. Fonte: © Marco Valente

4. Feiticeiros e suas Metamorfoses

Um feiticeiro poderá ser um homem ou uma mulher e as suas acções afectam por vezes inadvertidamente a sua prole.

¹⁷ Informante: *Tia Maimuna Jamal Chande*, 32 anos, natural de Mecufi. Histórias recolhidas a 29 de Julho de 2020.

“Sim, um animal, sim. Uma moça... aquela moça vivia com os pais, né? Vivia com os pais... Então durante o convívio dela com os pais... ali na zona as pessoas diziam que os pais eram mágicos, eram... eram... eram feiticeiros. Tinham um avião que só voava nas noites né?

Em Tete, mas a localidade chamasse *N'Condessa*. Eu fui lá passear em casa de uma amiga minha, uma amiga, uma conterrânea daqui de Pemba, né? Então eu fui lá passear... Chego lá... era numa localidade né? Vivem pouca gente, poucas casas, né?... casas assim isoladas.

Então, aquela moça, os pais viajaram, disseram para ela:

‘Nós estamos a viajar, mas não fica a mexer na nossa porta né, nem para o nosso quarto nem para a nossa sala!’

Ela: “‘Está bom Papá, está bom Mamã!’

Os pais viajaram, foram para a cidade de Tete, mesmo cidade. Ela ficou. Então, teimosia dela, ela... ela ficou, tipo: ‘Porque é que eles disseram que não entrasse dentro de casa deles? Uma vez que são meus pais! No quarto deles? E as chaves estão comigo! Não, eu vou entrar!’ . Curiosidade...

Ela entrou... aí dentro de casa, da casa dos pais dela... abriu a porta do quarto. E lá no quarto tinham umas panelas, panelas de barro. Então ela... ela teve dúvida: ‘Essas panelas para que servem?’ . Então... Eram 3 panelas, 3 panelas. Umas panelas bem grandes, bem tapadas. Então ela disse:

‘Não, essas panelas eu vou abrir!’ Ela teve curiosidade. Entrou no quarto dos pais, abriu uma panela, apanhou uma massa de farinha, *chima*, né? Estava ali, feita.

‘Huum..... muita *chima* assim? Será que a minha mãe guardou, para depois aquecer e comer?’

A dúvida estava aí. Depois era uma zona que não tinha nem energia, não tinha corrente eléctrica, né? Abriu a segunda panela. A segunda panela ela apanhou caril, com molho ali preparado. ‘Huuuum.... Chima, caril, panelas grandes assim?’

A terceira panela é que tinha o animal hiena, estava ali... quando ela abre a última panela, apanhou aquele animal, o hiena. Estava com a *chima* nas mãos, a comer, né! Sim, a hiena estava viva dentro da panela. Quando ela diz: ‘Hiena!’ O mal que ela grita ela se transforma, a língua fora, os braços viraram-se, transformaram-se em patas, as pernas dobraram-se, como se fosse o animal. Dali, donde ela saiu, dali do bairro, da mata é fora, ela já não conseguia ficar em pé. Só tinha que andar de cócora, de uma forma animal, já não falava, né?

Então, ela tinha um bebé, né? Então o bebé de tanto tempo a ficar sozinho, o bebé começa a chorar. E nós estávamos ali naquela zona, e os vizinhos descobriram que alguma coisa estava a acontecer com a mãe da criança. Bebé chorou, chorou... as pessoas ficaram espantadas:

‘Bebé está naquela casa, na porta, e a mãe não sai. O que está a acontecer?’

Então com a curiosidade dos vizinhos, foram aproximando, aproximando e encontraram ela na sala, já estava transformada, já não falava, mordida a língua com os dentes, e os braços já não esticava estavam todas elas dobradas juntas com as mãos, assim como as pernas. Ela já não andava. Então o que eu assisti foi muito incrível, foi também... foi muito sentimental, porque ver uma pessoa a se transformar em um animal, eh pá, é uma dúvida. Então ela andava se arrastando-se e era muito forte, ela tinha uma força muito intensa, e que ninguém conseguia, nenhum homem a conseguia lhe pegar¹⁸.

¹⁸ No folclore português, pelo Norte, escutamos múltiplas vezes registos lendários de pessoas que se transformavam em cavalos, lobisomens e outras criaturas e que tinham de correr com o seu fadário até que alguém as libertasse dessa sua maldição. Uma pessoa corajosa deveria picar, cortar até fazer sangrar o amaldiçoado para o libertar assim da sua maldição. Mas caso o amaldiçoado fizesse por sua vez sangrar quem o vinha libertar, esse ficaria assim também amaldiçoado.

Então chamaram os chefes do Bairro, da Localidade, e chamaram uma velha que supostamente era curandeira, dali do Bairro, para ver se podiam ajudar ela.

Eu estava aí... ela tinha traços de ser humana, só que a física dela, né? A postura dela já não era de uma pessoa, de um ser humano, né? Ela tinha uma postura de um animal. Os olhos também já tinham se transformado de um animal, quando você reparasse, ela... o piscar de olho não piscava como se fosse uma pessoa, a física dela já tinha toda mudado.

Quando ela era moça eu não conheci... então pronto... ela tinha um bebé sim, sim o bebé era normal.

Dali ela foi levada, foi amarrada né?... Como ela tinha muita força, e quando ela tentasse levantar, fazia isto né? Como se fosse um animal. E, como não era, não era forma dela normal, ela sempre se batia né? Não conseguia andar. Ela só fugia, não queria estar próxima de alguém, atacar não atacava, ela só fugia. Então os homens foram chamados para a poder amarrar, para ver se ela conseguia estar num único sítio, repousar, né? Porque ela estava muito, e não tirava nenhuma palavra que as pessoas entendessem, ela só tirava o som, gritava. [O grito era como se fosse] Um animal a fazer barulho, uns gritos de um animal a fazer barulho. Ela foi amarrada numa árvore, com... com uma corda, em cinco minutos ela estava, estava tipo a rebentar toda a corda, com os dentes, ela mordida aquela corda e rebentava e tentava fugir. Está a ver? Então... Ela fazia de uma forma, tipo, está a ver quando os cães começam a lutar pra um osso ou uma comida, né?

Aquela ronquidão? Ela fazia a mesma coisa. Não tinha nenhuma diferença com um animal. Então aquilo, eu assisti aquilo durante o dia até à noite, quando chega aquela hora das, das 3:00 horas, lá na casa daquela curandeira. A curandeira diz para nós:

‘Vocês aqui vão assistir a uma coisa muito espectacular! A mãe deste aqui, criou essa hiena aqui e sempre dá a carne que a hiena come. A hiena que estava naquela panela, era carne de pessoa, de um ser humano, que ela sempre tirava no cemitério. Então, essa menina como se transformou naquela hiena, quando chegar a hora das 4:00, em que a mãe sempre ia levar a carne. Ela também vai fazer o mesmo, como se estivesse no cemitério, a comer a carne de um ser humano. Então nós naquela hora, ficamos: ‘Ei, temos que assistir!’

Aí acenderam fogo, fizeram fogueira, como estava a fazer frieira no mato. Nós ficamos ali, a aguardar a hora das 4:00, da manhã... da manhã, sim da manhã. Ficamos ali para poder assistir ao que ela iria fazer. Realmente quando chegou aquela hora, ela... começa tipo gritar, querer correr e ela começa a lutar sozinha, como se estivesse a arrancar carne, né? De um animal igual, a comer... começou a fazer aquele gesto como um animal, como se estivesse a comer carne.

Ela gatinhava sim, gatinhar... porque ela já não conseguia colocar de pé... andava rápido, a tendência era tipo correr, né? Então nós assistimos aquilo aí sentados, ela parecia que estava num outro ambiente, não um ambiente de seres humanos iguais... ela estava num outro ambiente. E ela ficava aí, tipo estava a conversar com animais. Com um som que nós também não entendíamos, estava aí, tipo está a comer carne, aquela coisa, que nem um cão, assim quando está aí com um cão igual, a querer, a comer alguma coisa. Então pronto... aquilo, ela ficou assim durante todo o dia, até ao amanhecer, até às 5:00 horas da manhã.

E quando amanheceu ela, eh pá... acordou, tipo a garganta, a cabeça inflamou, os lábios inflamaram, o nariz... Ela se transformou, a língua também já estava cheia na boca, né? Ela era uma pessoa... ficou de repente... ela ficou uma pessoa muito

diferente, né? É pena que naquele tempo não havia aqueles telefones para tirar fotografias se não acho que até agora eu teria essas fotos, acho que não tinha como... isso foi em 2009... sim, foi em 2009 que eu estava lá... porque eu vivia lá, né?...

Ela recuperou, recuperou, recuperou porque... a mãe voltou da viagem e só a mãe é que poderia conseguir tratar dela, sim... voltar no normal, sim... ela voltou no normal, e daí pegou filho dela, foi embora, foi viver vida dela, não voltou mais para casa dos pais, parece que tiveram uma contradição, né?

Ela só voltou normal quando a mãe voltou da viagem. Tinham que ligar para a mãe para vir com urgência. E a mãe disse: 'Eu já tinha dito para ela não abrir minha porta, nem ver minhas coisas! Ela foi muito teimosa!'

É mais ou menos isso que eu vivi, quando eu estava lá".¹⁹

5. Fenómenos aparentemente inexplicáveis

5.1 Fantasma na praia

"Uma história que vou contar agora aconteceu nos anos 74 no Distrito de Metuge, naquela zona da praia ali... em Metuge. Brincavam durante o luar né, à noite. Só crianças, só.

Então um primo que estava nesse grupo de crianças... então eles estavam a jogar ali na margem né, o luar, a maneira alta, à noite. Então o meu primo sentou ali no areal disse: 'Eh, a maneira que está a brilhar o luar, parece que você pode ver... mesmo uma agulha.'

Então o fantasma falou, disse: 'Você consegue me ver aqui onde eu estou?'

Todo o mundo assustou-se. A partir naquele dia as crianças já não iam brincar

¹⁹ A informante optou por manter o anonimato.

mais à noite naquela zona. Só se ouviu uma voz. A voz vinha do mar. Eram 23 para as 00 horas. Porque crianças muito tempo jogavam uns jogos, aqueles mais tradicionais ali no areal.”²⁰

5.2 Possessão por Espíritos (*Djinns*)

“[Minha avó] de princípio, pelo que eu ouvi né?... porque eu era muito criança, né?... ela tem esse *Djinn*... desde há muito tempo, antes de eu nascer. Então...

Normalmente, o que eu ouvi dizer, ela de repente, para as pessoas saberem que ela tinha *Djinn*, ela de repente... chorou, né?... de repente, começou a chorar, a gritar. Então... Sem razão... Então... Dantes queixava-se de uma dor de cabeça, cabeça, cabeça que não passava, ia para o hospital e não passava. Então, um certo dia ela começa a chorar sozinha, chorou, gritou, então. Lá era como andado, como conhecem essa tradição, então daí, as pessoas disseram que só pode ser *Djinn*, porque ela não fala com ninguém, não diz nada.

E ela não podia falar nada sem que lhe aparecesse alguém que tem o mesmo *Djinn* que viesse falar com ela. Então ela só ficou a chorar, ficou a chorar, a gritar. Ela tem... tem uma forma de falar com ela, primeiro tem que pedir, o próprio *Djinn*, a pessoa quando for chamada e veio, ela começou a pedir, se for que é *Djinn* de verdade, né?

Lhe falasse qual era o nome, que é que lhe queria, se era *Djinn* de verdade e se está bem-vindo.

Então a tal pessoa tinha que vir ali para poder acalmar, né?... a minha avó. Sim..

‘Você é *Djinn*?’ A minha avó só ficava a chorar... ‘Você é *Djinn*? Qual é o teu nome? Estás bem-vindo se for *Djinn*.’

Então com aquela toda de estar a babar... então quando a minha avó começa a falar:

²⁰ Informante: Avó Patu Amade Assane, 48 anos, natural de Mecufi Sede a residir em Pemba. História recolhida a 09 de Agosto de 2020 em Pemba.

‘Sim, eu sou *Djinn!*’

Mas eu só estava a ver minha avó falar, né? Minha avó a falar na boca dela...

Eu não sei dizer se era *Djinn* mesmo que mandava que ela falasse... (risos). A voz era normal, não muda, não muda, era em dialecto.

‘Sim... Eu sou *Djinn*. Meu nome é fulano. Então roupa que eu visto é uma saia de palha, é um chapéu de palha, feito de palha. Uma blusa também feito de palha. Minha comida só tem que ser farelo. Farelo de cereais de... de.. de *mapira*. Tem que pilar a *mapira*, peneirar, então aquele farelo é que eu vou comer. Sim, ok... Está bom, então aquela que era a Rainha do *Djinn* tinham que aceitar. Está bom, nós já ouvimos, vamos te preparar isso... Tinha que dizer que eh pá... Bebo água de coco, bebo qualquer água... Daí pronto, quando as pessoas descobriram que ela tinha *Djinn*...

Já começaram a aparecer, parece que são quatro.

Porque ela quando chega a fase de querer... de querer... fazer os ritos, as cerimónias dos *Djinns*.

Então... Durante a cerimónia ela tem que preparar toda a roupa diferente. Quatro pares, né?

Tem esse *Djinn* que usa só palha, e tem outro que usa roupa branca, tem outro que usa mistura vermelho e branco e esse último usa preto. Então tem que fazer aquele todos os fatinhos, para arrumar.

Não, é normal, quando um pára todos param e quando um manifesta, todos aparecem. É no momento em que ela tira aquela roupa e vai usar a outra. Basta ela mudar a palha nós já sabemos que aquele gajo está a ir embora e despede. Diz: ‘Eu já vou!’ Né?

Nós entre a gente, para ver quem é o próximo que há-de vir? Será que é o da roupa vermelha, o da roupa branca, e da roupa preta? Então daí ela saí... quando despede do Djinn que usa a palha, ela diz:

‘Estou a ir embora!’

Daí ela sai, vai tirar toda a roupa de palha, daí vai usar outra roupa, assim sucessivamente, até terminar. Cada *Djinn* tem a sua comida, tem a sua refeição. Tem aqueles que às vezes tem que cozinhar um arroz e comer muito quente. [*Djinns* não faleceram, não tem nada a ver com os seres humanos]... tem homem... pelo menos esse que eu conheço [os quatro] só são homens. Estão no corpo dela, são homens.

Então, acontece aquilo aí... Assim por exemplo agora, por exemplo agora... a casa, a casota né? Dos *Djinns* está destruída. E ela sempre anda com dores de cabeça, porque... porque dizem que... que quando eles não têm... eles têm de ter um sítio para morar, para se manifestar... então agora, quando choveu no ano passado [2019] a casa... desabou. Então a minha avó agora anda com dores de cabeça porque? Porque têm de construir aquela casa porque os *Djinns* estão desamparados, porque estão no solo, porque essas coisas todas.

Então a sequência, está a se preparar essa cerimónia para poder se realizar, né? Os homens têm que ir no mato, né? Para cortar os paus, né? E a construção daquela casa tem que ser num único dia. Tem que ir para o mato, tem que cortar os paus, tem que trazer ali... tem que haver um cântico... sim, enquanto estão a cortar tem uma tradição... dizem que os paus... não podem... tem que... a pessoa que vai carregar tem que olhar pra... tem que reparar para o lado direito, não pode ser para o lado esquerdo, né? Aí tem uma tradição que eles fazem, então de lá da mata até em casa tem uma regra para você poder carregar os paus dos *Djinns*. Não é só carregar de qualquer maneira... só porque é um pau não... não vai funcionar. Então tem aquela tradição, corta de lá da

mata, cortar os paus da forma como você vai carregar têm de ser trazidos do lado esquerdo, não do lado direito, porque não vai funcionar.

Então levas para casa... lá, começam já a construir a casa dos Djinnns, que deve terminar no mesmo dia... [se não acontecer têm de deitar abaixo e construir numa outra altura.] Não pode... não pode... A tradição é assim... tem que construir a casota, tem que *maticar* com matope, têm que existir mulheres para *maticar* no mesmo dia e têm que existir homens também que vão cobrir com capim, né? Cobrir a casa toda para que não entre chuva. E prontos.

Deve ter novas panelas de barro, pegar na panela de barro... colocam água e cada *Djinn* tem a sua... tem a sua panela, para beber a sua água. Então, tem que ter quatro panelas de barro. Tem que ter as suas tampas, e as suas tampas devem levar a cor branca. Não é qualquer tampa. Todas tampas, daquelas panelas de barro... Uns pratos, uns pratos... compram uns pratos na loja, aqueles pratos de alumínio, mas têm que ter a cor branca. Então quando tapamos as quatro panelas, colocam ali a água e tampam... então é para cada Djinn ter a sua panela para beber aquela água... e é engraçado, passado um mês, quando você vai para lá, entra naquela casota, para abrir aquelas panelas, apanha sem água! Muito engraçado... (risos).

Apanha... Tipo... Eu me espanto, não sei como aquela água desaparece dali... porque minha avó diz assim:

‘Vão... vão... vão... vão ver se ainda tem água ou não!’

Então, nós quando entramos ali e abrir aquelas panelas dali. Por exemplo encher água no mês passado, este mês quando alguém for abrir está a apanhar metade, está a ver? Como se alguém tivesse bebido.

Agora eu não sei se são os próprios *Djinnns* que bebem a água, porque uma pessoa normal não bebe aquela água... né?



Eu não vou deixar alguém, a avó ir ali, abrir aquelas panelas e beber a água... então eu não sei se são os *Djinns* que bebem aquela água ou não. Mas a intendência é sempre aquela água é de diminuir cada vez mais e nós também temos que encher cada vez mais quando ela diminuir. A avó tem que dizer:

‘Vão encher, as panelas estão vazias!’

Então nós dali vamos encher, dois homens, enchemos sucessivamente.

Até porque não é obrigatório, só que ela, a minha avó como já habituou, aquilo já está no sangue, a tendência é as panelas estarem cheias com água, né? É assim, é mais ou menos isso.

Eu já ouvi dizer que tem pessoas específicas que conseguem tirar, né? Do corpo da pessoa, para ficar livre deles, né? Porque consoante a minha avó... ela diz que quando aparecem o corpo dói, dói o coração, né? Eles apertam forte o coração da pessoa e dali obrigam-lhe a falar algo que você nem imagina. Por exemplo eu já perguntei minha avó, ela falou, falou... depois de acabar todo o *Djinn* eu perguntei-lhe de que... que ela estava a falar... ela não se recordou... ela diz:

‘Eu não sei, você é que me ouviu!’, né?

‘Avó, você falou isto e isto!’

‘Não... Eu não sei, não sei se falei isso... eu estava possuída com o *Djinn*, o *Djinn* é que orientou-me, mandou que falasse aquilo tudo!’

Está a ver? É mais ou menos isso”.²¹

5.3 Fome

Existem anos, como 1983, em que fenómenos como o da fome que se fez sentir fazia com que as pessoas falecessem a um ritmo maior do que o normal. Este aspecto

²¹ A informante optou pelo anonimato

era visto como um fenómeno sobrenatural e locais onde as pessoas faleciam em maior número ficavam assim dotados de uma aura inexplicável, aos olhos de quem ia observando estes fenómenos.

Para enganar a fome aos mais novos, os mais velhos, criavam por vezes figuras terríficas, tais como a “Mão Vermelha”, para que as crianças não pedissem para comer durante as horas da noite.

“Já há muito muito tempo, lá nas aldeias de Mecufi, cá em Cabo Delgado, já havia uma lenda, sempre dita com os mais velhos. E nela, nos diziam ainda pequenos, que a gente não podia acordar pela noite, necessitando comer, porque de noite já os mais velhos é que ficavam muito mais cansados. Eles ficavam com [menos vontade] de sair da cama, nos dar o que comer. Então, foi um dia, relevou-se a lenda... da Mão Vermelha.

Caracterizada ela, dizia-se que a Mão era muito gigante, toda ela sangrenta, com feridas, pois se te encontrasse a comer na meia-noite, pedia tudo o que tivesses no prato, para poderes pôr a mão. Assim nós, diante... a cada noite, fazíamos a questão de dormir um pouco mais cedo para a gente não poder nos depararmos com a tal mão referida. Dizia-se ainda que, se tu não poderes dar aquilo que tá ao seu prato, era capaz de bloquear-te os ouvidos, assim como a boca. Podias gritar e ninguém te ouvir. Os ouvidos... não podias ouvir outra coisa a não ser o resmungar da própria mão. Dizia-se que era uma mão com três metros de altura e a largura também era vasta, porque também... comparava-se com uma porta.

Nisso, passamos a reduzir a forma de poder acordar de manhã ou um pouco mais cedo, de noite, para ver se não podíamos incomodar os mais velhos. E é isso, esta é a lenda da Mão Vermelha.

Era às crianças [que se contava mais esta lenda] para impedir de incomodar os mais velhos, quando já estivesse tarde... era mais pertinente nas crianças. Porque, nisso era para poderes mudar a educação em si, além de acordar meia-noite para comer, que esperassem amanhecer. Assim tínhamos mais coragem de esperar amanhecer diferente de pedir meia-noite né? Que a gente comesse meia-noite. É isso. Era à noite. Diz-se que é um grande espírito nocturno, que só isso podia atacar as crianças manhosas, aquelas que não quisessem dormir. É assim, como o bicho papão, estes. Então foi levantada essa lenda pra... nas crianças que pediam sempre que comer, meia-noite.

Iam na cama: ‘Mamãe, mamãe acorda! Eu quero comer!’

‘Cuidado, não podes comer de noite se não a mão vermelha virá atrás de ti, vai te pedir tudo o que terás no prato e tu nem terás tempo de comer e nela vai bloquear a tua boca! Você pode gritar e eu já posso não te ouvir! E como é que tu ficas até de manhã com a Mão Vermelha?’

Até ao dia seguinte, [a paralisia das mãos e da boca] durava até ao dia seguinte. Era capaz de poderes continuar o dia... toda a noite, assim paralisado até ao outro dia. Então, quando amanhecesse ficavas com dores ao pescoço, segundo a posição em que apareceu. Mal que aparecia você ficava fora de controlo, só... fora do comando... nenhum movimento brusco, nem que gritasses a voz não saía de você. Só estava no coração você achando que está a gritar enquanto não saía a voz”²¹

5.4 Fenómenos Luminosos

Não raras vezes, os fenómenos luminosos estão ligados a figuras fantasmagóricas, que aterrorizam assim a vivência do comum dos mortais.

²² Informante: Chande Jamal, 22 anos, nascido e a viver em Pemba. História recolhida a 15 de Agosto de 2020. Teria sucedido este episódio em Mecufi.

“A pessoa que parece, é tipo um fantasma também... *Nhamuenke* é tipo... *Muenke* é tipo uma iluminação né? Sim... então chamam de *Nhamuenke* porque ele anda com uma iluminação... as pessoas conseguem ver através da iluminação dele... eles só conseguem ver a iluminação, mas a tal pessoa eles não conseguem ver, é tipo uma coisa transparente e só lá no fim onde fica a cabeça é lá onde ilumina, então... as mulheres à noite, elas sempre vão à pesca artesanal, artesanal, né? Tipo vão para lá para pescar o camarão... então... lá em Mecufi, lá na praia... sim, sim, sim... então, lá em Mecufi mesmo, lá na praia, as mulheres sempre vão nas noites na pesca.

Então, dizem que este fantasma, eles conseguem ver através do coiso, da iluminação do próprio fantasma, mas o corpo em si é transparente. Então, durante a pesca elas ficam atentas né? Para ver se o fantasma vem perto ou não, porque sempre anda de noite. E dizem que a fantasma consegue tirar a vida das pessoas à distância, porque come todos os órgãos, né? Do corpo humano, o fígado, o baço, as tripas. [É o fantasma] de um Homem. Então, ele rói o fígado, o baço, as tripas e o coração, mas distante, não aproxima as pessoas. Então o que fazem as mulheres? Elas ficam atentas durante a pesca, à noite, basta ver a iluminação lá de longe, aí já não se despede, cada qual tem que fugir, porque aquele fantasma não precisa estar perto das mulheres ou das pessoas, ele sempre faz a acção dele à distância, ele faz essa acção e de repente a pessoa caí. E nós, quando eu era criança, né? A minha avó dizia sempre:

‘Você não pode ir à praia à noite! Porque lá vai aparecer o *Nhamuenke*! O *Nhamuenke* se te encontrar ele vai te matar, ele vai comer todos os órgãos que estão dentro do teu corpo!, né?’

Então eu sempre ficava com aquele medo. E eu perguntava para as mais velhas:

‘Será que quando vocês vão à praia têm visto a ele?’

E elas diziam:



‘Sim, só que nós basta vermos aquela iluminação, nós fugimos!’

E isso acontece até agora, acontece. Mas não conseguem ver, né? A imagem desse tal fantasma, desse tal homem. Só conseguem ver a iluminação. Acontece só na praia, sim, aquele espírito só fica lá na praia. Só de noite. De dia não tem problema... basta escurecer a partir das 19:00 / 20:00, né? Sim... E ele aparece. É muito, é muito, é muito alto, tipo, o homem é muito alto, as pessoas conseguem vê-lo como se estivesse a luz dependurada num poste, né? É muito alto, então as pessoas ficam atentas porque acende muito, tem uma iluminação muito forte e as mulheres ficam atentas. Elas ficam aí a pescar, a fazer a sua actividade de pesca, mas quando chega aquela hora de *Nhamuenke*, aí ninguém despede do outro, cada qual quer pegar seu café, tem que fugir. Porque segundo elas, segundo os mais velhos, idosos, dizem que ele mata à distância, não precisa ficar perto de ti, né? Então, basta você ver ele, ver aquela iluminação, tem que fugir, não pode ficar perto, porque ele vai te roer, vai te comer, você só, ele de repente, você vai morrer.

Como trata-se de mais velhos, eu não sei realmente se aconteceu, eu sempre fiquei com dúvida, [se era uma história para as crianças] não irem para a praia [à noite]... e as mulheres até então, quando vão para lá, conseguem ver, o...o...o... o tal fantasma está aí a vir ou está ali assim parado, porque ele tipo, se você viu do lado direito é normal você virar e você conseguir ver do lado esquerdo, sim, isso acontece até agora. As mulheres quando vão na praia durante a noite têm mais atenção, para ver se ele não aparece perto ou não. Huuumm.....

Quem me contou, primeiro foi a minha bisá, a falecida minha bisá – ela que descansa em paz – depois fui ouvir com a minha avó, depois fui ouvir com a minha mãe, então é uma história que cada vez mais [vai passando de geração em geração]”.²²

Agradecimentos

Os trabalhos de recolha prosseguem, do Rovuma ao Maputo. Será muito natural que outras temáticas surjam deste esforço conjunto e *pro-bono* de todos os participantes comprometidos com estes desígnios, convém referir.

Agradecer ao Director da Escola de Machanga Sr. Domingos Júnior e aos Professores Castigo José, Herculano António Alferes e Bernete Castigo, assim como todos os alunos, familiares e informantes dos alunos da Escola de Machanga, pelas recolhas ali efectuadas durante o mês de Junho de 2018.

Bibliografia

- Alinei, M. (2009). *A Teoria da Continuidade Paleolítica das Origens Indo-Europeias: uma introdução*. Apenas Livros.
- Alves, A. (2014). *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. Lisboa.
- Braço, A. D. (2014). Narrativas Culturais e as Identidades de Género em Moçambique. In *Gênero na Amazônia*. Belém. n.º 6. Julho / Dezembro.
- Jorge, V. O. (2003). *Olhar o Mundo como Arqueólogo*. Quarteto “Metempsychosis” – *Merriam-Webster Dictionary*.
- Morais, Gabriela (2005). *Lenda da Fundação de Portugal, Irlanda e Escócia*. Apenas Livros
- Nallino, C.A. (1939-48). *Sulla costituzione delle tribù arabe prima dell’Islamismo*. In *Raccolta discripti e inediti*. Istituto per l’Oriente. Roma.
- Obtida na <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/11/lenda-da-mulher-da-capapreta-faz-parte-dahistoria-de-cemiterio-em-al.html> [consultada a 02.03.2018].
- Obtida na <http://www.lendarium.org/narrative/a-paixão-misteriosa-outra-versao/?category=96> [consultada a 02.03.2018].

- Obtida na www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/patrimonio-etnografico/lendas/lenda-da-luz-da-caniceira/ [consultada a 25.11.2018].
- Obtida na <https://theconversation.com/the-worlds-oldest-story-astronomers-say-global-myths-about-seven-sisters-stars-may-reach-back-100-000-years-151568> [consultada a 19.01.2021].
- Obtida na <https://tocadofenrir.wordpress.com/2017/04/27/tengu-do-folclore-japones/> [consultado online a 11-05-2019].
- Oliveira, C. (2001). *Lugar e Memória Testemunhos megalíticos e Leituras do Passado*. Edição Colibri.
- Pereira, R. M. (2005). *Conhecer para dominar – O Desenvolvimento do Conhecimento Antropológico na Política Colonial Portuguesa em Moçambique, 1926-1959*. Dissertação para a obtenção do Doutoramento em Antropologia, especialidade de Antropologia Cultural e Social, sob orientação do Prof. Doutor Augusto Guilherme Mesquitela Lima. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa.
- Valente, M. (2021a). Landmarks and Markings: Signs from the Earth and the Sky's. In Niharika, Niharika; Tiwary, Sachin Kr. (Eds), *Universal Value of Rock Art – Celebrating Birth Centenary of Dr. Vishnu Shridhar Wakankar*, B.R. Publishing Corporation and Arnava Shodh Sanstha Varanasi, 95-102 / 200-204.
- Valente, M. (2021b). A Música e a Língua Portuguesa como ponte de referência em Moçambique – uma linguagem para o Mundo?, In *LP Ler o Mundo em Português*, n.º 5, Julho, 11-13.
- Valente, M., Maçarico, L., Marques, M., & Veiga, A. (2021c [2020ed]). *Povo de Pias – Identidade e Património Popular*. GM Oficina de Artes Gráficas. Câmara Municipal de Serpa.

- Valente, M., Silva, F. R. (2020a). De Portugal a Moçambique: memória dos fornos de produção tradicional de cal de Estaquinha (Búzi / Sofala). In *Almadan Online*, n.º 23, Janeiro, 70-75.
- Valente, M. (2020b). Which Patrimonies for the Future Generations?, In *ICCIRA site*,
Obtido na: <https://www.iccira.org/wp/?p=1876>
- Valente, M. (2019). Lendas e Mitos Rurais e Urbanos em Moçambique (um mundo em extinção)?. In *O Ideário Patrimonial*. CAQ-IPT. n.º 13. Dezembro, 49-72.
- Valente, M. & Ortega, A. (2018c). Arte Rupestre do Centro Histórico de Lagos por MRM – um Genius Loci encontrado?. In *Antrope*. CAQ-IPT. n.º 9. Dezembro, 35-57.
Obtido na <http://www.cta.ipt.pt>
- Valente, M. (2018b). Pedra da Lua (Serra do Caldeirão, Almodôvar) – uma redescoberta à luz das novas tecnologias – Modelo de Resíduo Morfológico. In *Almadan Online*. n.º 22. Julho, 26-33.
- Valente, M. & Rodrigues, W. (2018a). Velhas Lendas do Castro dos Ratinhos (Moura) (apontamentos recentes acerca de primeiras recolhas efectuadas em 1960). In *Aldraba*. n.º 23. Lisboa.
- Valente, M. (2016b). Caminhos da Arte Rupestre - entre Beja e Olivença. In *Aldraba*. n.º 19. Lisboa, 7-9;
- Valente, M. & Beigi, Y. H. (2016a). Animal depictions on inedite archaeological artifacts from Pias (Serpa, Beja, Portugal). In *Arnava – refereed Journal*. Vol. V. n.º 1. Half Yearly, 64-78.
- Valente, M. (2013). A Luz da Caniceira – um conto popular alentejano. In *Aldraba*. n.º 13. Lisboa, 16-20.

- Valente, M. (2012). Sítios Pré e Proto-históricos do Parque Eólico da Serra do Mú – relatórios de um acompanhamento arqueológico. In *Vº Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, 571-583.
- Valente, M. (2010b). Arte Rupestre da Serra do Mú (Serra do Caldeirão, Almodôvar). In *Revista de Portugal*. n.º 7. Vila Nova de Gaia, 50-57.
- Valente, M. (2010a). Andanças do Diabo por terras Portuguesas. Algumas lendas do Norte e do Baixo Alentejo. In *Aldraba*. n.º 9. Lisboa, 9-12.
- Valente, M. (2009). Contrabando, lobos e vida campesina – memórias da Dona Catarina Conceição Maria Pedro. In *Alma Alentejana Magazine Cultural*. Ano 10. n.º 22. [Almada], 20-29.
- Valente, M. (2008). Lendas de Mouros e Mouras da Serra do Caldeirão, breves notas. In *Aldraba*. n.º 6. Lisboa, 16-18.
- Vasconcelos, J. (2001). Estéticas e políticas do folclore. In *Análise Social*. vol. XXXVI (158-159), 399-433.

